

Revista Adventista

Temos diante de nós mais uma Semana da Juventude, que urge aproveitarmos ao máximo.

Precedendo-a e durante ela, façamos os esforços possíveis para entrarmos em contacto com todos os jovens que de alguma maneira estejam relacionados com a nossa igreja.

Há jovens que frequentam as nossas reuniões e até ao presente ainda não tiveram quem se lhes dirigisse com um convite para se tornarem membros da Sociedade dos M. V. nem tiveram quem testemunhasse por eles o menor interesse.

Outros há que estão inscritos nas nossas Sociedades, mas por qualquer motivo raras vezes assistem às reuniões.

Alguns deles são membros de igreja.

Outros há, finalmente, que se afastaram por completo, talvez sem que a sua falta tenha sido notada e sem que alguém tenha tentado chamá-los ao nosso meio.

Não será esta uma oportunidade excelente para abordarmos uns e outros, de maneira que esta Semana se converta numa ocasião de estreitamento dos laços de união entre os jovens e a igreja, e se verifique da parte de todos uma nova consagração a Deus?

O êxito desta Semana dependerá grandemente do contacto pessoal que se procure ter com cada jovem individualmente.

Não será alheio ao mesmo êxito a forma como se realizarem as respectivas reuniões. Não as limitemos à leitura das mensagens. Ampliemo-las, ilustremo-las, quando possível. Adubemos as reuniões com alguma música ou poesia apropriada. Reservemos uma parte às orações.

Uma reunião festiva no fim da Semana ajudará a conservar uma lembrança amável em todos quantos participarem e assistirem a ela.

Que o Senhor nos ajude a fazer desta Semana da Juventude a melhor da nossa história!

Não descansemos enquanto não virmos salvos os nossos jovens!

8 a 15
de Março

*Semana
da
Juventude*

DEPARTAMENTO DOS M. V.
UNIÃO PORTUGUESA DOS A. S. D.

Regras para a observância do Sábado

A observância do sábado é um dos princípios fundamentais da nossa fé. Num mundo, porém, que quase nada sabe relativamente a este preceito da Lei de Deus, nem lhe dá nenhuma importância, há muito perigo de que os nossos irmãos sejam induzidos, pouco a pouco, a descurar-se desse dia.

Não há muitos anos, o Conselho da Conferência Geral resolveu chamar a atenção da Igreja para certos pontos fundamentais quanto à guarda do sábado. Creemos que esse conselho seja de muito valor para os nossos irmãos. Recomendamos, portanto, que se faça um estudo cuidadoso dessa advertência, para que possamos cumprir o propósito de Deus com referência ao Seu santo dia.

A observância do sábado

O sábado foi dado como uma das maiores bênçãos de Deus para o homem, um dia de «repouso e de alegria», uma ocasião de refrigério espiritual.

Não é só um sinal de amor de Deus para com o homem; é, também, um sinal da lealdade do homem para com o seu Deus. Na sua observância verdadeira, evidencia-se tanto a nossa fidelidade ao Criador, como a nossa irmandade para com o amador Redentor.

Devíamos dar a maior atenção ao conselho da Palavra de Deus, que diz: «Lembra-te do dia do sábado para o santificar». Nele não devemos fazer o nosso trabalho, nem buscar os nossos próprios prazeres —, no santo dia do Senhor.

O sábado deveria ser dedicado à adoração a Deus, assim como à ajuda aos nossos semelhantes, do modo seguinte:

- a) Assistindo-se, fielmente, à escola sabatina e aos demais serviços religiosos.
- b) Tendo os nossos filhos conosco, nos mesmos bancos da Igreja, para que aprendam, assim, a devida reverência para com a casa de Deus, o lugar de oração.
- c) Usando as horas do sábado para fazer visitas aos doentes e aflitos, ajudando, de qualquer maneira, os oprimidos do diabo; ensinando aos outros a Palavra de Deus e distribuindo literatura nossa.
- d) Ensinando aos nossos filhos as ma-

ravilhas do universo e o poder criador de Deus, por meio de passeios frequentes aos campos e bosques; estudando com eles o livro da natureza, dizendo-lhes do grande amor de nosso Pai celestial, para que, desta maneira, recebam o sábado como uma bênção e não como um fardo.

Deveríamos consagrar-nos, de novo, à guarda do dia de sábado:

a) Observando, fielmente, os extremos do sábado, fazendo um preparo completo para a sua recepção, antes que se ponha o sol na sexta-feira.

b) Dando as boas-vindas ao bendito dia por meio do culto ao redor do altar da família. E, outra vez, ao pôr do sol do sábado, consagrando-nos, novamente, com nossos filhos, ao Senhor.

c) Pondo de lado todo e qualquer jornal ou revista secular, deixando de usar o rádio.

d) Abstendo-nos de viagens de automóvel, que sejam desnecessárias, assim como de caminhadas só para passeio.

e) Não tomando parte em conversações frívolas, nem «pensando os nossos próprios pensamentos, nem falando as nossas próprias palavras».

Sugerimos, ainda, que se tenha bastante cuidado quanto a levantar a oferta aos sábados, distribuir folhetos e revistas nas ocasiões de culto, para que mantenhamos sempre o objectivo espiritual do sábado diante das nossas igrejas.

Princípios vitais

Cada um dos princípios mencionados anteriormente é vital. Aconselhamos aos nossos pastores e irmãos, para que os não considerem levemente. Devem ser lidos com atenção e estudados com espírito de oração. Que os pastores dêem o exemplo ao povo, relativamente à reverência e à guarda do santo dia do Senhor. Que guardem, com todo o zelo, as horas de adoração divina no sábado, para que sejam dedicadas, fielmente, ao culto a Jeová, alimentando a Igreja com o pão espiritual. Que nenhuma outra actividade, não importa o valor que possa ter, tome o lugar que corresponde à Palavra de Deus. A hora

do culto deve ser reservada para a adoração ao Senhor Deus.

No começo de sábado, e no fim, a família deve estar reunida para o culto. Durante o sábado, toda a leitura profana ou secular e programas de rádio, nada disso seja mencionado entre nós. O sábado deve ser passado em contemplação feliz e toda reverente, de Deus e de Suas obras. O repouso do sábado deve ser um tipo do descanso glorioso em que entrará, dentro em breve, o povo de Deus, e também é a marca e o selo divino, o sinal de santificação e de santidade.

Nenhum genuíno adventista do sétimo dia, em caso algum, entrará em negócio, conscienciosamente, como sócio daqueles que não consideram o dia do Senhor um dia santo. Não pode aceitar um emprego em que tenha de trabalhar no sétimo dia, em contradição flagrante com o preceito claro da Lei de Deus. Pode ser que esteja em circunstâncias difíceis; os problemas da vida podem ser grandes, e, mesmo assim, não deve hesitar em dizer: «Assim diz o Senhor», e «mais importa obedecer a Deus do que aos homens». — Actos 5:29. Não somente haverá o valor da convicção, mas ainda aceitará, com firmeza, os resultados da sua escolha, além de considerar de pouco ou nenhum valor a sua própria vida, quando estiver em jogo a obediência de qualquer dos mandamentos da Lei de Deus.

Aconselhamos os nossos pastores a que exerçam o maior cuidado, quando tiverem de aceitar novos membros na Igreja de Deus, especialmente aqueles que têm empregos onde parece necessário trabalhar durante o sábado, ainda que esse trabalho seja reduzido ao mínimo. Os nossos membros não devem firmar contratos comerciais que os envolvam nesse sentido, afectando a guarda do sábado. O sétimo dia é o sábado do Senhor. Nele não devemos fazer aquilo que está proibido pela Lei de Deus.

Como pode alguém pensar que está guardando o sábado como Deus recomenda, quando trabalha durante as horas sagradas? Como pode um adventista do sétimo dia assistir às aulas, na escola, ou preparar as lições, ou prestar exame, ou assistir a exhibições públicas e a jogos? Como pode escutar programas e comédias profanas, pela rádio, ou assistir a reuniões sociais ou a piqueniques, ou abandonar o culto divino? Como pode empreender ou

planear negócios, ler literatura profana, fazer pequenos trabalhos em casa, comprar algumas coisas, ou gastar quase todo o tempo em descanso físico, ou sair a passeio com motivos egoístas, ou praticar muitas outras coisas proibidas por Deus e pela consciência iluminada do cristão? Os verdadeiros cristãos não devem fazer nenhuma dessas coisas.

Talvez seja bom indicar a diferença que existe entre o trabalho feito no sábado como parte do emprego, e o trabalho realizado no serviço de Deus.

Os sacerdotes antigos faziam mais trabalho durante o sábado do que durante os outros dias da semana, e, todavia, Cristo aprovou isto. Declarou que, ainda que profanassem o dia de sábado, quanto à aparência exterior, ficavam, no entanto, sem culpa. E por que sem culpa? Porque o seu serviço era para o Senhor, em conexão com a Sua Igreja. (Ver S. Mat. 12:1-8). Conquanto os sacerdotes de outrora pudessem matar os animais e oferecê-los em sacrifício, no serviço do santuário, ficando sem culpa, isto era bem diferente do que seria se matassem esses animais e os pussem para vender, como um trabalho comum, de todos os dias. Este princípio aplica-se ao trabalho do sábado, nas igrejas, em contraste com o serviço semelhante, mas em estabelecimentos seculares. Portanto, o observador do sábado não pode, conscienciosamente, fazer qualquer espécie de serviço comercial durante as horas sagradas, mesmo que o reduza ao mínimo, em comparação com a tarefa dos outros dias.

Enquanto consideramos as dificuldades que sobrevêm à pessoa que perde o emprego por causa da guarda do sábado, não podemos deixar de fazer alusão à ideia, ou sugestão, de trabalhar durante o sábado, embora, apenas, por um pouquinho de tempo, como sendo uma filosofia subtil do inimigo, para levar o indivíduo a perder a noção da diferença que deve haver entre o santo e o profano, rebaixando a norma da observância do sábado ao plano dos dias comuns.

Seguindo por esse caminho, conforme essas sugestões tendenciosas, dentro de pouco tempo estaríamos sem poder fazer distinção entre o sagrado e o comum, e ficaríamos livres para pôr em prática qualquer serviço no dia do Senhor.

E. N. Lugenbeal

«Aqueles a quem perdoardes os pecados...»

por E. FERREIRA

Terminada a Sua obra na terra, Jesus deixou aos apóstolos e discípulos a missão de a continuarem até ao fim dos tempos.

O Evangelho de S. Mateus apresenta essa missão nos seguintes termos: «É-Me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado.» (Mat. 28:18-20). Lemos em S. Marcos: «Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura. Quem crer e for baptizado será salvo: mas quem não crer será condenado.» (Marc. 16:15,16). S. Lucas apresenta o mesmo pensamento, sob a forma narrativa: «E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia resuscitasse dos mortos; e em Seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém.» (Luc. 24:46,47). Finalmente, narra S. João: «Disse-lhes pois Jesus outra vez: Paz seja convosco; assim como o Pai Me enviou também Eu vos envio a vós. E havendo dito isto, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos.» (João 20:21-23).

Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós

Em face deste texto, somos enviados a realizar uma obra semelhante (respeitadas as diferenças de condição) à que Jesus veio cumprir na terra.

Para que foi enviado Jesus?

Dizem-nos as Sagradas Escrituras que Ele foi enviado como Salvador (1 João 4:14); para curar os quebrantados de coração (Luc. 4:18); para dar a Sua vida em resgate, em propiciação (Mat. 20:28; 1 João 4:10); para tirar os nossos pecados (João 1:29); para nos dar a vida eterna (João 3:16,17; 1 João 4:9).

Os discípulos de Jesus são pois enviados, como o seu Mestre, não para ensinar

estranhas filosofias nem para fundar um reino temporal, mas para levar o pecador perdido à libertação do seu pecado e à vida eterna.

Recebei o Espírito Santo

Esta missão, porém, não pode realizar-se por meios puramente humanos. O nosso dinheiro, o nosso saber, a nossa influência podem realizar maravilhas. Mas há outra maravilha que transcende todas as possibilidades humanas — a conversão e a transformação de um pecador. É obra do Espírito Santo. Foi isso que Jesus salientou ao dizer: «Recebei o Espírito Santo».

Como recebê-lo, a fim de realizarmos a obra para que fomos chamados? As Escrituras dão-nos a resposta.

Não podemos receber o poder do Espírito sem nos arrependermos dos nossos pecados. Amar o pecado e pretender a virtude do Espírito é enganarmo-nos a nós mesmos. Por isso, declarou o apóstolo Pedro: «Arrependei-vos e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo». (Actos 2:38).

É impossível receber o poder do Espírito enquanto desobedecermos deliberadamente à conhecida vontade divina. O Espírito Santo só é dado por Deus «àqueles que Lhe obedecem». (Act. 5:32).

O Espírito não é dado a quem apenas parcialmente entrega o seu coração a Deus. A entrega deve ser completa. «Ou cuidais vós que em vão diz a Escritura: O Espírito que em nós habita tem ciumes?» (Tiago 4:5).

Ele não é negado ao que O deseja como o faminto deseja o pão e o pede ao Pai: «Poís se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lh'O pedirem?» (Luc. 11:13).

Finalmente, é pela fé que O recebemos: «Para que pela fé nós recebamos a promessa do Espírito.» (Gal. 3:14).

Aqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados

Pretendem alguns que Jesus tenha delegado, com estas palavras, em certas pessoas, o poder judicial de perdoar pecados em nome de Deus. Não é porém como sacerdotes mas como «testemunhas» (Act. 1:8) que os seguidores de Jesus devem continuar a Sua obra.

Um exame do texto original auxiliar-nos-á a compreender melhor o sentido da ordem do Mestre.

O termo traduzido aqui por «perdoar» — *aphiemi* — é traduzido noutros versículos por «deixar», «omitir», «despedir». Assim em Marc. 1:31 («A febre a *deixou*»); Marc. 10:29 («Ninguém há que tenha *deixado* casa»); 1 Cor. 7:11,12 («O marido não *deixe* a mulher»); Mat. 23:23 («Fazer estas coisas e não *omitir* aquelas»); Mat. 13:36 («Tendo *despedido* a multidão»); etc.

A palavra traduzida por «reter» — *cratéo* — é noutros casos traduzida igualmente por «reter» e também por «conservar», «ligar», «guardar». Por exemplo: «*Conservando* a tradição» (Marc. 7:3);

Jesus não podia ser «*retido*» pela morte (Act. 2:24); «*Guarda* o que tens» (Apoc. 3:11); «*Retiveram* o caso entre si» (Marc. 9:10); «Eu bem o quisera *conservar* comigo» (Filem. 13).

Encontramos os dois termos gregos num mesmo versículo: «*Deixando* o mandamento de Deus, *retendês* a tradição dos homens.» (Marc. 7:8).

Perante o que acabamos de observar, o sentido das palavras de Jesus seria, em tradução livre: «Aqueles a quem ajudardes a libertar-se dos seus pecados, salvar-se-ão: aqueles a quem permitirdes continuar nos seus pecados, perder-se-ão.»

Se nos tornarmos instrumentos dóceis nas mãos de Deus e nos interessarmos pelos nossos semelhantes, poderemos tornar-nos o meio para que muitos pecadores venham a aceitar a salvação em Cristo. Se, porém, pelo nosso egoísmo e negligência, olharmos com indiferença para os que perecem em nosso redor, muitos que poderiam salvar-se perder-se-ão.

Que grave responsabilidade estas palavras de Jesus fazem repousar sobre nós! Que elas tenham o condão de nos converter em incansáveis ganhadores de almas!

Departamento de Publicações da União Portuguesa

RELATÓRIO DE JANEIRO DE 1952

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
José S. Carrilho		20.000\$00	800\$00	20.800\$00
António G. Duarte	96	2.790\$00		2.790\$00
Adelino N. Diogo	168	1.975\$00	230\$00	2.205\$00
Clemente A. Sales	69	1.740\$00		1.740\$00
Maria L. Saboga	120		1.525\$00	1.525\$00
João J. Nobre	65	1.050\$00	225\$00	1.275\$00
Alfredo Vieira	82	1.050\$00	226\$00	1.275\$00
Júlia Sanches	156		930\$00	930\$00
Idalina Ferreira	42		915\$00	915\$00
Isaías da Silva	22	720\$00		720\$00
João António	154	1.130\$00		1.130\$00
José dos Santos	34	720\$00		720\$00
Flora Saramago	91	690\$00		690\$00
	1.099	31.865\$00	4.850\$00	36.715\$00

O Secretário de Publicações

Fernando Mendes

RELAÇÕES SOCIAIS

por FREDERICO LEE

Deus conhece a inclinação do coração humano. É-lhe natural desejar ser popular e seguir a multidão. Mas Deus advertiu a Israel nestas palavras: «Não seguirás a multidão para fazeres o mal». Êxodo 32:2.

Raras vezes a multidão reconhece o que é direito e o que é errado. A sua atenção se fixa nos costumes ou nas modas do tempo. Ela diz «Esta é a moda», ou «Isto é *chic*». Seguir a multidão é enveredar pelo caminho largo, sem considerar para onde leva. O fim não importa às massas.

Essas pessoas aborrecem a disciplina, detestam barreiras, não gostam do esforço de subir. O caminho amplo que conduz para baixo está cheio de viandantes, pois é o mais fácil de seguir.

O cristão deve ser livre

Vivemos numa época de produção em massa, tanto na manufactura de mercadorias como nos costumes sociais. É-nos dito, no correr do dia, pela rádio, nas revistas e jornais, nos grandes cartazes, o que devemos usar, o que devemos ver, o que devemos ler e como devemos comer e beber. Jamais estive uma pessoa tão fora do ritmo como a que não dá atenção a esses modeladores da vida social, pois não está acompanhando o passo da sociedade sobremaneira arregimentada dos nossos dias. Falamos de liberdade. Mas nunca dantes manbeve o mundo tantos escravos — escravos dos costumes.

O cristão deve ser livre. Nunca deve permitir que coisa alguma lhe molde os pensamentos e as acções. Deve conservar a mente e o coração voltados para o seu Senhor e Mestre. É esse o motivo de o Senhor ter dado a Israel explícitas instruções concernentes às suas relações sociais. Eis algumas dessas admoestações:

«Guarda-te que não faças concerto com os moradores da terra aonde hás-de entrar; para que não seja por laço no meio de ti». Êxodo 34:12.

«Quando te incitar teu irmão... ou a mulher do teu seio, ou teu amigo..., dizendo-te em segredo: Vamos, sirvamos a

outros deuses,... não consentirás com ele, nem o ouvirás.» Deut. 13:6-8.

«Nem te apresentarás com elas: ...pois fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses» Deut. 7:3 e 4.

A triste história dos que rejeitaram este conselho, devia ser suficiente para nos fazer ver os perigos que ameaçam a todos quantos permitem que as influências mundanas lhes dirijam o curso da vida.

O exemplo de Sansão

O exemplo bíblico clássico sobre este assunto é o de Sansão. Dele dizem as escrituras: «E desceu Sansão a Timnatha: e, vendo em Timnatha a uma mulher das filhas dos filisteus, subiu e declarou-o a seu pai e sua mãe, e disse: Vi uma mulher em Timnatha, das filhas dos filisteus;... Tomai-me esta, porque ela agrada aos meus olhos». Juizes 14:1-3.

«E desceu». Não poderíamos encontrar palavras mais significativas. Quando o filho de Deus procura misturar-se com as turbas mundanas, o que lhe resta fazer é somente ir para baixo. E o grande perigo é o de jamais poder voltar à posição anterior. Assim aconteceu com Sansão até quase a sua última hora de vida.

E em que se baseou Sansão para escolher a companheira de vida? «Ela agrada aos meus olhos». Ele permitiu que as suas emoções físicas tomassem nessa escolha o lugar dos princípios rectos. Crescera como qualquer menino ou menina que nasce num piedoso lar adventista. Fora advertido quanto às más companhias. A mãe de Sansão rogara a Deus que lhe ensinasse o que fazer ao menino que havia de nascer. Seus pais tinham seguido as instruções do Livro de Deus, quanto ao seu preparo. Mas quando Sansão chegou à virilidade, pôs tudo isso de lado e seguiu os seus caprichos e fantasias, que afinal de contas não lhe concederam nenhum prazer duradouro. Nenhum dos seus companheiros lhe foi leal. Poucos dias felizes teve ele, pois vivia a fugir de uma para outra cidade, premido pelas circunstâncias.

Em sua escolha de companheiros, Sansão pensava demais no encanto físico, e

pouca atenção prestava às virtudes dos seus associados. Esta é ainda a base da maior parte do companheirismo dos nossos dias. A forma humana tem-se tornado o centro das atrações. É adornada e en-deusada.

Não olhemos para a beleza que fica apenas na epiderme. Nenhum companheirismo verdadeiro pode ser edificado sobre a máscara da artificialidade.

A admoestação de Paulo

Há no Novo Testamento muitas advertências quanto às nossas relações sociais. Paulo escreve: «Não vos deixeis enganar: más companhias corrompem bons costumes». I Cor. 15:33, Trad. Bras. «E não comuniquéis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as». Efés. 5:11. «Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? II Cor. 6-14 e 15.

Tais advertências não se aplicam somente aos jovens na escolha de companheiros. Por toda a vida, teremos de enfrentar a questão da escolha daqueles com quem nos queremos associar. É essa escolha feita na base do auxílio mútuo, ou meramente de mútuo prazer? Procurais companheirismo com aqueles que são críticos e gostam de achar faltas nos outros?

Há muito que pensar, na questão da escolha de companheiros, e nunca será resolvida enquanto não a enfrentarmos à luz do propósito de Deus para conosco.

Somos conhecidos pela qualidade de companheiros que temos. Nossos companheiros imprimem em nós as suas características. Nossa relação para com Deus ou para com os homens é determinada por aqueles com quem nos associamos. Bom será se pudermos dizer com o salmista: «Companheiro sou de todos os que Te temem e dos que guardam os Teus preceitos». Sal. 119:63.

É-nos dito que nos últimos dias o selo de Deus será colocado sobre o pequeno grupo de quem se diz: «Aqui está a paciência dos santos: aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus».

Eis uma questão que é verdadeiramente essencial. Podemos escolher pertencer a esse grupo vitorioso e ir para a Nova Jerusalém, ou podemos servir de juguete na vida, seguindo os caprichos de uma vontade mal dirigida e incerta, não fazendo nunca uma decisão se ela nos custar alguma coisa, e terminando no abismo de um terrível julgamento, de onde homem algum volta.

Sejamos cuidadosos em atender a todos os conselhos que, sobre este assunto, Deus nos dá em Sua palavra e pelo Espírito de profecia. Somente assim poderemos escapar do real perigo que existe nas más companhias.

Através do Mundo Adventista

Dez anos da «Voz da Profecia»

Foi há dez anos que se iniciou a «Voz da Profecia» em Los Angeles, Califórnia. Desde então a «Voz da Profecia» passou de uma cadeia de 87 estações, de uma à outra costa dos Estados Unidos, a uma emissão internacional sobre 718 estações — 500 na América do Norte e 218 noutros países do mundo. Está sendo emitida em 11 línguas e dirige a maior escola do mundo — a Escola Rádio-Postal — em 45 línguas e dialectos.

Depois de muitos dias

«Há pouco, recebi um postal com esta mensagem: 'Ontem tivemos uma grande cerimônia baptismal. O irmão gostará de ouvir acerca de uma das pessoas que se baptizaram. Ela decidiu-se finalmente. Essa velha senhora, com bastante dificuldade, dirigiu-se para o baptistério. Estava muito fraca. Há vinte anos ouvira a mensagem através de um jovem ministro. Disse ela que esse ministro fora o irmão.'

O ancião da igreja que enviou o postal

apresentava o nome da velha senhora. Sim, lembro-me das visitas, dos estudos bíblicos e das orações em casa dela. 'Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás.' (Ecl. 11:1). Nunca sabemos exactamente quem aceitará Jesus e se salvará.» — *A. D. Bohn.*

Como Deus usou um rapaz

«Num verão, uma família adventista do sétimo dia, que vivia na Ilha Bornholm, no Mar Báltico, perto da costa da Suécia, foi convidada pela Cruz Vermelha Internacional a tomar em casa algumas crianças sub-alimentadas de certo país da Europa. No grupo encontrava-se um rapaz de nove anos; e embora ele não soubesse falar o dinamarquês, eles entendiam-se bem, porque a linguagem do amor se compreende em todos os países. Não tardou muito que este rapaz brincasse com as outras crianças e participasse do culto da família de manhã e à noite. Assistia às reuniões dos jovens, à Escola Sabatina, e aos cultos na igreja, e assim durante o verão aprendeu muito acerca da nossa mensagem. Foi surpreendente o conhecimento da verdade bíblica que este rapaz adquiriu!

«Ao voltar para casa no fim do verão, seus pais, satisfeitos com a boa aparência física do filho, fizeram-lhe muitas perguntas. À sua maneira, ele contou pormenorizadamente as experiências do verão. Falou da fé que acabara de encontrar no ensino bíblico acerca do Sábado, das comidas puras e impuras, do dízimo, da segunda vinda de Cristo e do estado dos mortos.

«Um parente deste rapaz, que era um dirigente político, visitou a casa, e o rapaz teve a oportunidade, em resposta às suas perguntas, de contar uma vez mais como tinha desfrutado o verão em casa da família adventista. Durante anos a nossa obra tinha sido impedida nesse país, e tinha sido difícil levar avante o trabalho de evangelização. Quando se apresentou uma oportunidade, esse homem, cuja influência era vasta, falou em favor de se conceder liberdade religiosa às minorias. Em seu fervoroso discurso, afirmou que os adventistas não se intrometiam em política mas se esforçavam por auxiliar o povo. Como resultado do seu apelo, foram restaurados privilégios que se tinham perdido havia anos, e hoje podemos realizar reuniões de evangelização e fazer a Campanha das Missões.» — *Ernest Edwards.*

A «Voz da Esperança» Italiana

«De cada canto da Itália nos chegam boas notícias», escreve F. Sabatino, director do Curso Bíblico por Correspondência. «Prisioneiros, pessoas doentes, ex-sacerdotes, ex-pastores, soldados — pessoas de todas as condições e idades ouvem com proveito as nossas emissões. O último presidente da Igreja Valdense escreveu há poucas semanas agradecendo-nos pela obra que estamos realizando. Um dos locutores de Rádio Sardenha inscreveu-se no Curso Bíblico. Tivemos até ao presente 7.420 inscrições, e temos agora 2.810 estudantes activos; 571 completaram o curso, e baptizaram-se 97 pessoas.»

Salvo das garras da morte

«Ao caminhar através da densa selva do Amazonas, um jovem nativo sentiu de repente a dor penetrante de uma mordedura de serpente. Gritando por auxílio, correu para uma cabana vizinha. Seus pais em desespero puseram-no na canoa e empurraram-na para o rio, com a intenção de remarem em busca de alguém que pudesse salvar a vida do seu filho.

«Nessa altura, como se fosse uma manifestação da Providência, na curva do rio apareceu o *Luzeiro* numa das suas muitas missões de beneficência. O Pastor Halliwell dirigiu-se para a canoa que se aproximava. A face do jovem retratava a mais profunda angústia. O pai apontou para o pé inchado, e explicou o que tinha acontecido ao filho e pediu assistência. O seu pedido foi rapidamente atendido e foi-lhe administrado cuidado médico eficiente.

«Sem dúvida um brilhante sorriso voltou àquela face de angústia ao lembrar-se aquele jovem da selva de como o *Luzeiro* entrou na sua vida um dia e o salvou das garras da morte. E assim mais uma pessoa beneficiou da filantrópica obra mundial de nossas missões.» — *R. F. Correia.*

Nossos maravilhosos livros

«Recentemente recebi uma carta de R. Grabner, secretário de publicações da União Austríaca, com sede em Viena. Entre outras coisas contava a seguinte experiência, que estou certo trará grande alegria a muitos:

«No mês passado baptizou-se um grande número de almas. Foram encontradas por nossos colportores evangelistas. Em 1945 uma senhora tirou um certo número de coisas de um receptáculo de metal, entre as quais se encontrava um livro nosso intitulado: *Nossa Época e o Destino do Mundo*, por W. A. Spicer. Como não estava interessada no livro, passou-o a outro. Este com sua esposa estudaram o livro cuidadosamente, e afastaram-se cada vez mais da Igreja Católica e começaram a guardar o Sábado. Mais tarde visitaram-nos. No Sábado passado baptizaram-se ambos.»

«Estamos gratos por Deus ter protegido esse maravilhoso livro durante os anos da guerra, quando vinte mil edifícios foram destruídos só em Viena. Parece que o bom livro se converteu numa oportuna bomba e quebrou dois corações. Quanto mais angustiantes forem as situações no mundo, tanto mais estes livros cheios de esperança, levarão indivíduos, famílias e comunidades inteiras a compreender e a adorar o verdadeiro Deus de maneira que possam esperar a vida eterna. Graças a Deus por nossos maravilhosos livros.» — C. G. Cross.

Departamento de Publicações da União Portuguesa

RELATÓRIO ANUAL DE 1951

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António Gomes Duarte	3.378	19.983\$00	11.836\$00	31.819\$00
Diversos	1.930	15.785\$00	12.775\$00	28 560\$00
José Salgueiro Carrilho	295	20.000\$00	2.700\$00	22.700\$00
Maria Luísa Saboga	1.354		15.435\$00	15 435\$00
João José Nobre	1.298	13.690\$00	700\$00	14.390\$00
Fernando Escudeiro	160	13.800\$00		13.800\$00
Isaías da Silva	1.411	13 105\$00		13.105\$00
Idalina Ferreira	404		12.705\$00	12.705\$00
Júlia Sanches	2.009		10.695\$00	10.695\$00
Júlio Alexandre Melo	1.074	8.469\$00	2.215\$00	10.684\$00
Alfredo Vieira	759	9.370\$00	425\$00	10.295\$00
Adelino Nunes Diogo	566	6.820\$00	2.910\$00	9.730\$00
Clemente A. Sales	450	9.620\$00		9 620\$00
Orlando Tavares Costa	495	8.990\$00		8.990\$00
José E. Santos	714	8.680\$00		8.680\$00
João Gomes Pestana	526	2 760\$00	4.975\$00	7.735\$00
João António	251	4.620\$00	125\$00	4.745\$00
Fernando Figueiredo	98	4.590\$00		4.590\$00
Rita Pinheiro	323	2.987\$00		2.987\$00
Flora Saramago	669		3.922\$00	3.922\$00
José da Costa	232	3.510\$00		3.510\$00
Missão da Madeira		1.815\$00	1.031\$00	2.846\$00
José Baião	120	2.040\$00		2.040\$00
	18.616	171.134\$00	82.449\$00	253.583\$00

O Secretário de Publicações

Fernando Mendes

Não deixemos nunca «a nossa Congregação como é costume de alguns...»

Crete nenhum poderá, em boa lógica cristã, deixar a Igreja, a Congregação a que pertence, seja qual for o motivo que apresente, e continuar a viver, isoladamente, em sua casa, ali praticando os princípios doutrinários que conhece, sem que desta injustificável atitude advenham graves prejuízos espirituais tanto para si como para a Comunidade Religiosa. Semelhante ideia, só própria de inspiração satânica, é-nos às vezes insuflada de supetão por algum Irmão desavindo, como se ela tivesse, de facto, a sua razão de ser, ou então fosse apoiada algures, nas Sagradas Escrituras. Vamos, porém, demonstrar através deste artigo e com todos os meios ao nosso alcance, a insubsistência de tal ideia fundamentando-nos, primeiro, no seguinte apólogo:

O infundado desta ideia, deduzido do apólogo ou fábula dos «Membros revoltados contra o estômago» — Conta-se, com evidência de objectivo moralizador, que uma vez os membros revoltados do corpo compareceram em juízo com uma queixa contra o estômago. Interrogados pelo juiz acerca do móbil de acusação, responderam cada um de per si (excepção feita da senhora dona boca), dizendo, peremptoriamente, que se tratava do seu descontentamento pelo facto de que nunca lhes era permitido entrar com sua colaboração nos chamados processos mecânicos da digestão, sendo, por esta razão, levados a duvidar do companheiro estômago, que, a seu ver, estava procedendo arteiramente, e daí o poderem acusá-lo de egoísta e retentor ilícito de todos os alimentos ingeridos. Mas o Tribunal que vira no acto acusatório apenas um mero pretexto que implicava em quebra de unidade e de coesão entre os membros, pretexto este que, como um véu escurecedor de permeio, lhes estava ocultando a verdade de que semelhante atitude, caso fosse assumida, redundaria em seu inevitável fenecimento, o Tribunal, por conseguinte, injustificou-lhes a queixa, achando por bem intervir no pleito e sugerir-lhes uma urgente reconciliação, a única maneira de terminar o litígio entre eles, predispondo-os assim para um bom e me-

lhor restabelecimento. E tendo sido hábilmente convencidos pelo argumento lógico do juiz, então saíram da sala de audiência, onde haviam permanecido durante algumas horas, todos cambaleando como um ébrio, em virtude do seu grande estado de fraqueza.

É assaz evidente a verdade moral deste apólogo. Ela revela, à saciedade, o insustentável argumento, aliás contraproducente, dos «membros revoltados contra o estômago». Sua queixa, fundamentada num conceito ilógico, em nenhum sentido poderia ser justificada. E, à luz do bom senso, somente uma composição amistosa entre eles seria, por conseguinte, a condição «*sine qua non*» da sua existência, da sua estabilidade orgânica.

Mercê da sua eficácia moralizadora, não duvidamos que tivesse sido este o apólogo usado por Menénio Agripa no monte Sagrado, junto do Anio, sob o nome de fábula dos «membros revoltados contra o estômago», 494 A. C., com o fim de dissuadir os descontentes plebeus do seu intento maligno pelo qual intentavam edificar nesse monte uma cidade sua. Felizmente, este emissário romano viu o seu acto coroado de bom êxito, e, assim, os plebeus, voltando novamente a Roma, congraçaram-se com os patrícios, redundando isto em sua fusão civil, política e religiosa.

Pondo agora em relevo os dois casos citados, isto é, o dos «membros revoltados contra o estômago», e o dos plebeus, etc., etc., inferimos, em conclusão, pela mesma concatenação lógica, que crete nenhum, bíblicamente considerado membro do corpo de Cristo, d'Ele, portanto, dependendo pela fé para o sustento diário da sua vida espiritual, poderá, sem grave prejuízo tanto para si como para o corpo em geral, deixar a sua Congregação..., e a pretexto de «seguir a Religião em casa». Esta ideia, por ser de origem satânica, é subversiva e sempre de funestas consequências, como veremos, razão por que ela não é sancionada ou apoiada nas Sagradas Escrituras.

Ideia não sancionada pelas Escrituras —

Quando um crete, seja ele qual for, pressente a astúcia do inimigo em querer

instigá-lo à negligência do seu sagrado dever, ou então enfraquecê-lo na fé, o que muitas vezes acontece por sua própria incuria e falta de verdadeira assimilação das substanciais Verdades Eternas, sua imediata atitude, ao invés de pensar, erradamente, em deixar a sua Congregação e, contudo, permanecer fiel aos princípios, praticando a Religião em casa, devia ser seguir o exemplo de S. Paulo, isto é, pedir a Deus o ilumine e o corrobore *«com poder pelo seu Espírito no homem interior, a fim de que, estando arraigado e fundado em amor, possa perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que seja cheio de toda a plenitude de Deus»* (Efés. 3:16-19). Sim, Cristo deve habitar assim no coração do crente; mas, deixando ele de proceder deste modo, então dá origem a que o inimigo o engane com inculcar-lhe ideias que serão, sem dúvida, indício da sua própria perdição. Em todos os tempos, Satanás tem sido hábil no manejo do seu sofisma, cujo objectivo é fomentar revolta e promover divisão entre os filhos de Deus. Outro método por ele usado nesta luta titânica contra a Verdade, tem sido encher a ideia do crente de coisas frívolas e desnecessárias, a fim de lhe impossibilitar a compreensão das realidades objectivas do reino de Deus. Este facto é evidenciado na falsa concepção que os discípulos tinham acerca da missão de Cristo, do mistério da cruz. A S. Pedro, por exemplo, Jesus havia anunciado Sua entrega nas mãos dos algos, em Jerusalém, Sua morte e Sua ressurreição ao terceiro dia. Pedro, porém, não podia enxergar esta verdade, visto que ela lhe era ocultada na mente pelo véu de um falso raciocínio, segundo o qual o Mestre havia de reinar como príncipe temporal, e daí a sua ideia de poder ocupar nesse reino um cargo honroso. Por esta razão, foi ele tentado a dissuadir o Salvador de realizar a Sua missão; mas Jesus, com o fim de desfazer o véu escurecedor de Pedro, adverte: *«Para trazes de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não comprehendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens»* (Ver Mat. 16:23 e Marc. 9:33,34).

Em certa ocasião, porém, Jesus ora em favor dos Seus discípulos para que lhes seja dado compreender a natureza de Sua missão. Assim, após aquela maravilhosa

cena na relvosa planície, ao crepúsculo de uma tarde de primavera, em que o povo comeu do alimento provido pelo Salvador, Este ordena os discípulos que tomem o barco e voltem imediatamente para Capernaúm, cidade da Galileia, perto do lago de Genezareth, a pouca distância de Jordão. *«Quando a sós, Jesus 'subiu ao monte para orar à parte'. Durante duas horas continuou a suplicar perante Deus. Não por Si mesmo mas pelos homens, eram aquelas orações. Rogava poder para revelar aos mesmos o divino carácter de Sua missão, a fim de que Satanás não lhes cegasse o entendimento e pervertesse o juízo»* (*«O Desejado de Todas as Nações»*, p. 280). Foi só depois de Cristo haver ressuscitado que *«Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras»* (Luc. 24:45). Mas de uma maneira especial, os discípulos só foram cabalmente esclarecidos, iluminados acerca de Sua missão quando, reunidos, receberam a promessa do Consolador e os consequentes dons por Ele outorgados (João 14:26; Efés. 4:8).

Como membro de Congregação, cada crente tem um dever a cumprir, um alvo a atingir. Cabe-lhe, pois, pedir a iluminação do Espírito Santo e a corroboração do poder divino, pois que só assim estará apto a trabalhar em estreita colaboração com outros, permitindo assim o avanço progressivo de sua Igreja. Deve, numa palavra, cooperar com Deus no sentido de tornar cada vez mais forte e mais evidente a realidade do objectivo divino, expresso nas seguintes palavras de Paulo: *«Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé, ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo»* (Efés. 4:12,13).

Alfim, dar sua valiosa contribuição à Congregação de que é membro ao invés de pensar, maquiavêlicamente, em deixá-la, julgando ter assim o direito de viver e praticar longe dela os ensinamentos que lhe foram ministrados (e esta condição é permissível apenas quando se prova haver privação de saúde, decrepitude, ou, ainda, razão para uma ausência temporária, justificável); aderindo fortemente a ela com seu zelo e esforço missionário no sentido de torná-la cada vez mais activa na execução do programa divino (e a proclamação da triplíce mensagem angélica em todo

o esplendor da sua glória, ainda aguarda Adventistas devotos, fervorosos e cóns-cios de sua responsabilidade que venham unir-se ao Povo Remanescente a fim de tornar mais célere a sua missão e permitir, assim, que Deus «*execute a sua palavra sobre a Terra, completando-a e abreviando-a*» (Rom. 9:28); louvar ao Senhor de «*todo o coração, na assembleia dos justos e na congregação*», como fazia David (Psa. 111:1), e nela colaborar com os seus irmãos na fé, em santa união: «*Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união...*» (Psa. 133:1-3), a fim de que um possa fortalecer o outro nos empenhos bons e rectos; trabalhar, esmeradamente, para a manutenção, no seio da Congrega-ção, de um espírito semelhante ao que existe entre o Pai e o Filho (João 10:30), e que Este quer que seja apanágio dos Seus seguidores aqui na Terra (João 17:22, 11,23); em suma, procurar viver, sempre, em íntima e simpatizante relação com outros membros, seus colaboradores (Rom. 12:4,5; I Cor. 12:12-27) — tal é, pois, o dever de todo o crente fiel, laborioso e absolutamente convicto do papel que lhe cabe desempenhar em prol do desenvolvi-mento progressivo da Congregaçãõ a que pertence.

Reiterando ainda o mesmo estribilho de que crente nenhum poderá deixar a sua Congregaçãõ, citamos S. Paulo a realçar mais brilhantemente o facto pelo emprego da sua ilustrativa figura da «*unidade dos membros do corpo*». É a incontestabilidade desta doutrina alegórica é, por assim dizer, um estorvo à ideia tão precipitada como desastrada do crente que julga poder ausentar-se, sem razões plausíveis, do Aprisco Sagrado (I Cor. 12:12-27). Diz ele entre outras: «*Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos*». Sem dúvida, o método de actua-ção de todos eles, na multiplicidade dos seus feitos, para manança e estabilidade do corpo, é um facto incontestável, assaz evidente. Para o apóstolo, a ligação íntima de todos os membros, «*bem ajustados e bem ligados pelo auxílio de todas as juntas*» (Efes. 4:16), redunda em força de uma vida activa do próprio corpo. À luz desta realidade doutrinária, podemos dizer que o precípua conceito de que «*a união faz a força*», embora se aplique, indistin-tamente, a todas as organizações socio-económicas, é, todavia, mais culminante e de mais alto significado ainda quando a

veracidade do seu espírito se verifica, de facto, no seio do Povo de Deus. E, final-mente, concluindo a sua sábia demonstra-ção, feita com exactidão, baseada sempre na mesma alegoria, S. Paulo adverte: «*Para que não haja divisãõ no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros. Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular*» (I Cor. 12:25,27). Assim, vemos que as Escrituras não sancionam, de modo ne-nhum, a insustentável ideia de um crente deixar a sua Congregaçãõ.

É certo surgirem às vezes mal-entendi-dos entre os membros do corpo de Cristo, os quais, de uma maneira geral, são sempre dirimidos de harmonia com aqueles princípios divinamente preestabelecidos (Mat. 18:15-18; Prov. 25:8,9); mas quan-do, a mau grado divino, um crente se in-surge contra o conselho disciplinar da sua Igreja, concluindo, desarrazoadamente, que pode deixá-la, neste caso, pois, bem faria em recordar o que diz S. Paulo: «*E já vos esquecesteis da exortação que argu-menta convosco como filhos: Filho meu, não desprezes a correcção do Senhor, e não desmaies quando por ele fores repreendido; porque o Senhor corrige, e açoita a qual-quer que recebe por filho. Se suportais a correcção, Deus vos trata como filhos; por-que, que filho há a quem o pai não corrija? Mas, se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois então bastar-dos, e não filhos. E, na verdade, toda a correcção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas depois pro-duz um fruto pacífico de justiça nas exer-citados por ela*». (Heb. 12:5-8,11).

Sim, deixar a Congregaçãõ equivale a voltar as costas a Jesus, o mesmo que fez Judas ao trair o seu Senhor; significa, ainda, desviar os olhos do Salvador e, assim desarrimado, submergir-se, atolando-se, afinal, na perversidade do mundo, no abismo da perdição. Por isso, à per-gunta do Mestre, motivada pela perfidia dos espíritos reaccionários: «*Quereis vós também retirar-vos?*» — Pedro responde: «*Senhor, para onde iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna*» (João 6:67,68).

Aliás, é quando os crentes se acham reu-nidos, «*louvando a Deus no meio da Congregaçãõ*» (Psa. 22:22; Heb. 2:12), que o Senhor envia ou outorga os preciosos dons do Seu Espírito, «*Querendo o aperfeiçoa-mento dos santos, para a obra do minis-tério, para edificação do corpo de Cristo*»

(Efes. 4:8,12). A vontade do Mestre é que os crentes se congreguem para a recepção do chamado Baptismo do Espírito Santo. A ordem preceptiva dada há quase 2.000 anos, é bem explícita: «...ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder» (Luc. 24:49). E continua: *Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra*» (Act. 1:8). O mandado foi estritamente obedecido e, assim, os primeiros crentes, perseverando «unânimemente em oração e súplicas» (Act. 1:14), «todos reunidos no mesmo lugar» (Act. 2:1) receberam, afinal, a promessa do Consolador (Act. 2:4).

Portanto, compete ao crente permanecer na sua Congregação, onde é bíblicamente instruído e alimentado pela Palavra do Senhor, e nela colaborar, segundo a sua capacidade, desenvolvendo os seus talentos e tomando parte activa na construção do imponente edifício da Igreja (I Cor. 3:12-17). E a este respeito, eis o que diz o Espírito de Profecia, em o livro «The Acts of the Apostles», pág. 599: «Paulo e os outros apóstolos, e todos os justos que têm vivido desde então, fizeram sua parte na construção do templo. Porém, a estrutura ainda não está completa. Nós, que vivemos nesta época, temos uma tarefa a realizar, uma parte a desempenhar. Devemos trazer, para pôr no edifício, material que resista à prova de fogo — ouro, prata e pedras preciosas, «lavradas como coluna de um palácio»...O cristão que apresenta, com fidelidade, a palavra da vida, guiando homens e mulheres ao caminho da santidade e da paz, está trazendo para a construção do edifício material que resistirá à prova, e será honrado como um sábio construtor perante o reino de Deus».

Como membro da «Família de Deus» que é (Efes. 2:19), nenhum crente jamais poderá deixar, deliberadamente, o Aprisco sem que esta deplorável atitude o abisme, à semelhança do príodigo, no atoleiro do pecado. Raciocinando, erradamente, que podia viver longe do seio da Família, o pobre moço, conculcando os preceitos paternos, postergando os salutares conselhos dos que eram mais experientes do que ele, rompe, recalcitrante, os liames de familiaridade que o prendiam ao Lar querido, partindo, assim, em busca dos prazeres efêmeros, pecaminosos, desta vida. Tal resolução não era boa, pois apontava ao

pródigo o caminho da morte (Prov. 16:25). Por isso, o Pai, triste e meditabundo, viajava ao longo da estrada para ver se conseguia descortinar ou o vulto do filho arrependido a voltar, ou, então, alguém que viesse com notícias algo animadoras. Repentina mudança, porém, opera-se no coração do príodigo enquanto sofre, no mundo, os rigores da adversidade. E esta amarga experiência leva-o a raciocinar com acerto: arrazoia, medita e, conseqüentemente, arrepende-se, voltando cõscio de sua verdadeira conversão.

Que nenhum crente pense, portanto, em deixar a sua Congregação, porquanto a solenidade dos tempos em que vivemos impõe-nos o seguinte dever: «...congregai os anciãos, e todos os moradores desta terra, na casa do Senhor vosso Deus, e clamai ao Senhor» (Joel 1:14); sim, no seio da Congregação devemos, todos reunidos, como faziam os primeiros crentes, orando e suplicando pela outorga do Consolador com os seus consequentes dons espirituais (Act. 2:1; 1:14), suplicar também, pela concessão «da chuva serôdia» (Zac. 10:1). Por isso, S. Paulo exorta: «Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vêdes que se vai aproximando aquele dia» (Heb. 10:25).

Gregório Rosa



Assinar a «REVISTA ADVENTISTA»
corresponde a ter à mão um repositório
de artigos do máximo interesse espiritual,
directrizes seguras para a marcha dos di-
ferentes Departamentos e as notícias mais
interessantes do Movimento Adventista
através do Mundo e do campo português.



NOTÍCIAS DO CAMPO

Pastores W. R. Beach e R. Gerber. — De 4 a 11 de Fevereiro, tivemos o privilégio de ver em Portugal estes nossos irmãos, respectivamente, presidente e tesoureiro da Divisão Sul-Europeia. A sua visita foi de grande encorajamento para todo este campo.

No dia 5, falou em Lisboa o Pastor Beach; no dia 6, tiveram ambos, no Barreiro, um numeroso auditório; em 7, pregou o Pastor Gerber em Lisboa; no dia 8, dirigiu a pregação, no Porto, o Pastor Beach. No Sábado, 9, de manhã pregou na mesma cidade o Pastor Gerber e, à tarde, o Pastor Beach, em Canelas. Está quase concluída a linda capela que há tempo se vem ali edificando, motivo porque esta visita revestiu um interesse particular. No dia 10, à noite, voltou a falar em Lisboa o Pastor Beach.

Todas estas pregações, além de um intenso trabalho em conselhos, devem ter fatigado muito estes nossos dirigentes; mas pode constituir para eles um lenitivo o saberem quanto apreciámos todos a sua visita e quão revigorados ficaram com ela os irmãos na sede e nas igrejas visitadas.

Pastor A. Dias Gomes — Tendo passado um nouco mais de um mês entre nós, regressou à Suíça o Pastor Dias Gomes, que conta em cada membro da União Portuguesa um amigo.

Mudanças de Obreiros — No dia 7 de Fevereiro partiu para Angra, acompanhado de sua Esposa, o Ir. Vítor Martinez; em 12, chegou a Lisboa, com destino a Faro, o Ir. Manuel Miguel, com sua Esposa e Filhos; e em 15, foi para Portalegre o Ir. Arlindo Miranda, igualmente com sua Esposa e Filhos.

O Pastor João Esteves aguarda barco para Ponta Delgada, onde volta a ser a sede da Missão dos Açores.

A todos desejamos abundantes bênçãos nos seus novos campos de trabalho.

UNIÃO PORTUGUESA

Lisboa

«...E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar» (Act. 2:47).

Isto era o que se passava na igreja apostólica e isto é o que esperamos se passe nos nossos dias. Pelo cumprimento de tal promessa temos orado e trabalhado e o Senhor está inclinando favoravelmente os Seus ouvidos ao clamor de Seu povo e ao clamor de almas que anseiam por uma vida mais nobre. Na nossa Igreja, em Lisboa, acreditamos, baseados no que estamos observando, que o Senhor está com Seu povo e conduzindo homens e mulheres que se esforçam em chamar almas para a Verdade Presente. Nesta tarde de Sábado, com o nosso salão de culto e suas galerias repletas de ouvintes, pôde a Igreja presenciar a profissão de Fé e o baptismo de 24 preciosas almas de Lisboa, sem contar com mais onze que do Barreiro e Setúbal, nos quiseram dar a honra de receberem o sagrado rito também em Lisboa!

Presenciámos nesta tarde lágrimas de alegria e gratidão a Deus pelos resultados obtidos em almas ganhas.

Nota bem simpática: Ao perguntarmos a cada um destes novos Irmãos qual foi o instrumento de que Deus se serviu para os trazer à Mensagem, tivemos o grato prazer de constatar que Deus se serviu de humildes Irmãos e Irmãs, na maioria membros novos da Igreja. Assim compreendemos melhor Zac. 4:6: «Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor».

Nova classe baptismal está em organização e todos saímos desta reunião com o desejo de que em breve nos possamos voltar a reunir com o mesmo fim desta tarde!

M. LEAL

Porto

O esforço de Evangelização continua e com bons resultados. Muitas famílias estão sendo visitadas em suas casas pela irmã Obreira Bíblica Beatriz Gouveia e pelo Colportor Evangelista António Gomes Duarte. As reuniões de Domingo e de Quintas-feiras estão sendo muito frequentadas não havendo por vezes lugares para acomodar aqueles que nos visitam. Estamos muito animados por ver que o público desta cidade está respondendo ao nosso apelo. Tanto o nosso prezado Ir. Director E. Ferreira como este vosso irmão estamos empenhados em que um grande número de almas venham num próximo futuro a aceitar a Jesus como seu Salvador.

O Igreja está ao trabalho. Reina em todos os membros um bom espírito missionário, milhares de convites têm sido distribuídos, semana após semana. Os bairros da cidade têm sido visitados pelo corpo de Evangelistas, e, segundo os seus relatórios, muitas almas estão contentes por conhecerem a nossa mensagem.

Seria uma ofensa para a Juventude se não relatasse aqui o belo espírito de colaboração de nossos jovens neste esforço Evangelístico. É admirável vê-los sair com as suas mãos cheias de convites distribuindo-os à direita e à esquerda.

Estamos certos que alguma coisa se obterá deste esforço.

Antes de se começar a pregação o grupo de oração reúne na sala dos Jovens pedindo ao Senhor as Suas bênçãos para o estudo da Sua Palavra. Alguns hinos são cantados em conjunto antes de começar a reunião e anima-nos ver que todos se esforçam para aprender os cânticos.

Tenho o prazer de anunciar aos meus prezados leitores que há dias recebemos um amável convite do sr. Director do posto da Rádio «Ideal-Rádio» para levarmos ali o nosso Orfeão, a fim de serem executados alguns hinos no programa da manhã de Domingo.

Como deveis imaginar, não devíamos desprezar esta oportunidade que se nos apresentava. Lá partimos com os nossos corações oprimidos pela alta responsabilidade que cabia a cada um e contentes ao mesmo tempo por se oferecer o desejo de lançar para o ar a mensagem do Senhor através dos cânticos. O silêncio era absoluto na casa de som; era tempo agora dos homens ouvirem em suas casas este belo hino «Servos de Deus a busina tocaí: Jesus em breve virá». Enquanto eles cantavam numa harmonia admirá-

vel, como nunca cantaram, eu fechei meus olhos e pedi ao Senhor que abençoasse aquela mensagem pregada naquele momento.

No fim da emissão, algumas pessoas telefonaram para aquele posto elogiando a emissão da manhã. O mais interessante foi que o director daquele posto frisou algumas vezes o nome da Igreja Adventista.

Foi ouvido nos arredores do Porto por muitas centenas de pessoas. Estamos planejando voltar de novo à Rádio com o coro da Juventude.

Foi por intermédio do nosso futuro Irmão Francisco Mendes que tivemos o privilégio de ir à Rádio. Para ele vão os nossos melhores agradecimentos.

JOSÉ JÚLIO PIRES

Coimbra

No dia 23 de Janeiro faleceu a nossa saudosa Ir. Maria Carlota Leitão Pavia, de 85 anos de idade, sogra da Ir. Benvenida dos Santos Duarte Pavia e avó das Irmãs Maria Alice e Maria Amélia Duarte Pavia. A família enlutada da nossa querida Irmã apresentamos as nossas condolências.

Barreiro

No passado dia 6 de Fevereiro tivemos o elevado privilégio de receber a visita dos prezados Irmãos Raymond Beach, Robert Gerber e Ernesto Ferreira.

Foi para a Igreja do Barreiro motivo de grande alegria a visita destes nossos irmãos e apesar de ser quarta-feira e de nem todos os irmãos e simpatizantes terem sido avisados, por falta de tempo, para esta reunião, vimos com contentamento a nossa sala repleta; estando sentadas 120 pessoas (pois é esse o número de lugares de que dispomos), ficando no entanto algumas ainda de pé.

Falou em primeiro lugar o nosso Irmão Gerber que baseou o seu assunto em (II Pedro 3:18 e I Pedro 2:2), depois de ter sido feita a apresentação pelo Ir. Ferreira e sido cantado um hino pelos nossos jovens, sobre o desenvolvimento ou crescimento gradual do cristão.

Para que o cristão se possa desenvolver é necessário tomar como exemplo o crescimento da criança e suas mais directas necessidades:

a) *Alimento* (Temos como alimento a Palavra de Deus);

b) *Respiração* (Como respiração temos a oração);

c) *Exercício* (Resultado do visível trabalho missionário).

É praticando estas três regras que nós podemos «crescer na Graça e no Conhecimento de Jesus Cristo».

Falou em segundo lugar o nosso Irmão Beach sobre o tão importante problema de Cristo, e a possibilidade que Ele nos dá para que todos nos possamos salvar. Tomou como base o texto de S. João 14:6, que eu sintetizo.

Disse Jesus:

a) *Eu sou o caminho.*

No mundo existem muitos caminhos. Nos serões africanos existem veredas ou pistas, que vão por toda a parte mas não chegam a parte alguma; cruzam-se, entrecruzam-se, confundem-se umas com as outras, mas nenhuma tem um fim certo. Cristo é pois o caminho;

b) *Eu sou a Verdade.*

Existem muitas verdades no mundo, verdades em todos os domínios e em todas as ciências. Mas estas não são a «Verdade» são apenas partes, centelhas, verdades relativas.

Mas a Verdade em absoluto é Cristo. A Sua pessoa, o Seu carácter, o Seu pensamento. Nele se encontram reunidas todas as outras verdades. Foi esta verdade que foi julgada por Pilatos e este querendo conhecê-la não a compreendeu nem a aceitou.

Cristo é, pois, a Verdade;

c) *Eu sou a Vida.*

Todos nós queremos a vida. No entanto esta que agora vivemos, é uma preparação para a verdadeira vida. Esta só nos será dada por Jesus Cristo. «Quem tem o Filho tem a vida»; sem Cristo nós não a poderemos receber.

Quando Adão e Eva foram expulsos do seu edénico jardim, por causa da sua desobediência, os querubins guardavam as entradas do mesmo, símbolo da vida eterna que eles tinham perdido, com espadas flamejantes, e a sua reintegração só se fará ou foi feita através do sacrifício de Jesus Cristo.

Cristo é, pois, a Vida.

Quando os nossos Irmãos terminaram as suas mensagens estas foram sublinhadas com um grande «Amen» vivido e sentido que era o reflexo da nossa aceitação e alegria e ao mesmo tempo pelo bem estar durante toda a reunião.

A Igreja do Barreiro agradece penhoradamente a estes nossos Irmãos a sua visita e as suas palavras. Fazemos votos para que eles tenham sempre por parte de Deus a aprovação no seu trabalho.

No dia 23 de Fevereiro do corrente ano, a Igreja do Barreiro teve a alegria de ver mergulhar nas águas baptismas, do templo de Lisboa, sete dos seus candidatos.

São mais sete almas que compreenderam a nossa mensagem, achando-a conforme às Sagradas Escrituras; e deste modo viram a necessidade de reformar as suas vidas, colocando-as de harmonia com a vontade de Deus.

Se bem que algumas destas almas não tivessem uma concepção religiosa bastante arraigada, havia no entanto uma família, da qual se baptizaram quatro membros, que a tinha. O prezado Irmão José Jacinto Filipe fora sempre um «protestante» mas será difícil conhecer qual a sua denominação, pois conhecendo muitas a nenhuma pertencia. Nas visitas que eu lhe fazia sempre ele me mostrava literatura (Russellista, Presbiteriana, Pentecostal e Adventista) e é claro que de quando em vez ele fazia certas perguntas que eu com a ajuda de Deus respondia de maneira a ele ficar convencido e satisfeito. No entanto eu, que o via mergulhado em tanta literatura e como é óbvio se contradizia, lhe dizia que tomasse uma «posição», não lhe dizia que se fizesse Adventista mas que praticasse a religião que mais de harmonia estivesse com todos os ensinamentos das Sagradas Escrituras.

E, graças a Deus, ele tomou uma «posição», tomou-a pela Verdade, fez-se Adventista do 7.º dia, e ao lado dele três dos seus familiares seguiram o seu exemplo.

Que os baptismos de Lisboa, Setúbal e Barreiro,

que nós tivemos o ensejo de presenciar, sejam o símbolo de uma conversão, de uma entrega sem reservas ao Senhor nosso Deus, de uma mudança de vida. Que Deus se digne abençoar estes «recém-nascidos na fé», a fim de que amparados e ajudados por Ele, eles tenham um dia a Salvação.

No início deste ano nós pedimos a Deus que nos dê vida, saúde e ao mesmo tempo zelo e coragem para que assim nós possamos ser «Pescadores de Almas», trazê-las aos pés de Jesus, mostrar-lhes a pequenez e insuficiência desta vida em relação àquela que Deus nos dará um dia se fizermos a Sua vontade e na qual não haverá mais «lágrima, morte, pranto, clamor ou dor».

A Igreja do Barreiro saúda, através da «Revista Adventista», todas as Igrejas do nosso País.

Estes são também os votos do Obreiro local

MANUEL LARANJEIRA

Setúbal

5 de Janeiro — Por voto, foi aceita na nossa Igreja, a Irmã Clotilde Mestre. Esta irmã conhece a verdade há muitos anos; assistiu, com regularidade, às primeiras reuniões em Setúbal mas os «cuidados da vida» logo dificultaram a vida espiritual desta boa irmã, a ponto de deixar de ir à Igreja, muito embora conservasse a sua fé. Alguns meses atrás, porém, foi acometida duma doença que a obrigou a ser internada no Hospital de Santa Marta, em Lisboa, mas sem resultado. Ao fim de algum tempo voltou para sua casa onde tem estado entrevada e bastante mal. Nestas circunstâncias, lembrou-se de Deus e pediu, insistentemente, que fosse unida à Igreja Adventista. Esta irmã continua sofrendo, mas, agora, com resignação e com esperança da vida eterna.

Oremos todos em favor da Irmã Clotilde!

— 6 de Janeiro — Realizou-se a tradicional festa de Aniversário dos M. V. de Setúbal. A casa estava repleta e muitas pessoas de pé. No fim da festa, que durou 2 horas, houve um apelo aos jovens que nos visitaram e alguns responderam, alistando-se na nossa Sociedade.

— 27 de Janeiro — Iniciou-se um pequeno esforço de Evangelização (aos domingos e quintas-feiras). Os convites dão resultado e tem-se registado, com alegria, a presença assídua de muitas visitas. Em certas ocasiões, vale-nos o facto de alguns irmãos ficarem em suas casas, pois, de contrário, não haveria espaço nem assentos!

— 23 de Fevereiro — Dia inolvidável na história da Igreja de Deus na terra!

Realizou-se, pelo Pastor Manuel Leal, a cerimónia de 35 baptismos na Igreja de Lisboa, dos quais quatro foram apresentados pela Igreja de Setúbal. Este é sempre um dia de alegria e de comoção para todos os crentes. É também, e sobretudo, um dia de alegria no Céu, pois que «cada acto baptismal não é apenas uma garantia, mas uma prova de vida, uma função vital da Igreja que subsiste eternamente, uma consolidação do seu testemunho, um crescimento público da glória de Deus, pela qual esta Igreja é aumentada e incorporada de geração em geração até à volta do Senhor».

Que este dia se repita muitas vezes no presente ano!

JUVENAL GOMES

Portalegre

No passado dia 21 de Fevereiro, após doloroso sofrimento, adormeceu no Senhor a Irmã Deodata Brito Ribeiro.

Foi membro da Igreja Evangélica de Portalegre durante aproximadamente 60 anos, pertencendo da Fé Adventista há mais de doze, primeiramente como membro da Escola Sabatina (Departamento do lar) e mais tarde como membro oficial da Igreja.

Apesar da sua avançada idade, conservou toda a lucidez até ao seu último dia, e, a esperança da volta de Jesus e da recompensa eterna pela ressurreição enchia-a de paciência para suportar os seus sofrimentos. A morte não a apavorava, mas era esperada a cada instante como uma amiga desejada, e aos queridos entristecidos dirigia palavras de ânimo e conforto. Aos seus lábios afluíam constantemente alguns trechos das Sagradas Escrituras, sendo o seu predilecto as palavras de S. Paulo: «Quem nos separará do amor de Cristo?»

Realizou o funeral o Pastor A. F. Raposo, que, tanto na residência como no cemitério, perante uma numerosa assistência, composta de pessoas de todas as classes sociais, comentando I Coríntios 15, falou da esperança do cristão baseada na certeza da ressurreição de Cristo, melhor da ressurreição de todo aquele que confia no sangue remidor de Jesus e obedece à Sua Palavra. As palavras do Pastor Raposo foram escutadas pelos presentes com toda a reverência e pedimos a Deus que a semente lançada em momento tão solene possa ter caído em bom terreno e produzir frutos para a vida eterna.

A convite do Pastor Raposo, usou também da palavra o Ex.^{mo} Senhor Pedro de Castro da Silveira, Pastor da Igreja Evangélica e grande amigo da família Ribeiro. Salientou as qualidades da extinta e a sua fé no sangue remidor de Jesus e na certeza do perdão dos pecados. Fez a oração final o obreiro da Igreja de Portalegre, irmão Arlindo Miranda.

A nossa falecida irmã contava 84 anos de idade e era mãe dos nossos irmãos Pastor Pedro B. Ribeiro, J. Joaquim Ribeiro e Marta Facha e avó das esposas dos missionários Eliseu Miranda, Armando Casaca, António Lopes, José Abella e das irmãs Alda Ribeiro e M. Deodata Proença.

I. R.

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: P. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. P. Mansell, E. Miranda
e M. M. Viegas.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Colónias

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA